

USO DO DOCUMENTO HISTÓRICO NA SALA DE AULA

Elenice Elias*

A Secretaria de Educação do Município de Araucária promove, anualmente, cursos de capacitação dos seus professores. O grupo de professores de História, nos últimos anos vem recebendo assessoramento da Universidade Federal do Paraná. No período compreendido entre setembro e dezembro de 2004 se realizou o curso “Uso metodológico do documento no ensino de história”, ministrado pela professora doutora Maria Auxiliadora Schmidt. Ficou definido que ao cabo das fundamentações teóricas se faria uma aplicação, em sala de aula, com o uso do documento histórico. Para FEBVRE (1974) “la historia se hace com documentos escritos. Pero también puede hacerse, debe hacerse, sin documentos escritos si éstos no existen. Con todo lo que el ingenio del historiador pueda permitirle utilizar.”¹

Esta experiência foi realizada em uma turma de 6^A série do ensino fundamental, da Escola Irmã Elizabeth Werka, situada no centro do município de Araucária. Os alunos matriculados são oriundos dos mais diversos bairros da cidade, sendo em sua maioria, filhos de trabalhadores das indústrias locais, pequenos empresários e funcionários públicos. Estão na faixa de 12 a 14 anos, têm acesso às mais diversas mídias, entre elas, televisão, rádio e internet.

O conteúdo explorado nesta experiência foi Formação das Monarquias Absolutistas Europeias, onde se levou em conta os conhecimentos prévios dos alunos. AISENBERG (1994) diz que “los significados que cada sujeto puede dar a un objeto de conocimiento dependen de las teorías y nociones que ya haya construido esse sujeto en su desarrollo intelectual. Es por ello que los significados que otorgan distintos sujetos a un mismo objeto pueden ser diferentes.”²

Para tanto, foram propostas três questões, quais sejam:

1. Você se sente brasileiro(a)? Por quê?
2. O que é Estado?
3. O que é Nação?

Na primeira pergunta, os alunos responderam, na sua maioria, que se sentiam brasileiros porque nasceram e moram aqui, o que lhes conferiam um certo orgulho. Outras respostas foram verificadas: “porque falamos o português”, “temos os mesmos costumes”,

* Professora graduada em História pela Universidade Federal do Paraná e professora do Ensino Fundamental da Prefeitura do município de Araucária.

“obedecemos as mesmas leis”, “porque temos a cidadania brasileira”, “porque o brasileiro tem garra, coragem e não é racista”. Esta observação levou a uma debate, onde a maioria dos alunos não concordaram com a idéia de que o Brasil é um país não racista, citando exemplos para comprovar esta tese.

Para a Segunda questão, a resposta que se repetiu muitas vezes foi “conjunto de municípios”, “partes de um país”, “onde moramos”, “lugar onde se tem um governo para ajudar o país”.

Na terceira questão, as respostas, na sua maioria, eram referentes a população: “povo de um país”, “região”, “território”, “povo que tem a mesma cultura”, “pessoas que falam a mesma língua e tem um conjunto de tradições”.

A intervenção que se fez necessária para ampliar os conceitos de Estado e Nação e esclarecer alguns equívocos que apareceram nas respostas dos alunos foi, inicialmente, apresentar a música como um documento histórico. Outra preocupação foi a de se eleger músicas que manifestassem olhares sobre o Brasil em momentos históricos diferentes. Esta opção pela música, como no entender de Astréia Soares, “a canção constrói e, quando compreendida, dá a conhecer questões essenciais, tais como nossa identidade coletiva, nossa soberania, a alegria, a dor, o amor. Ela ilumina/revela o mito da fundação desta nação e o faz tão sintonizadamente, que toma o ofício de compor de uma importância solene”.³ Pois bem, as músicas escolhidas foram: Aquarela do Brasil de Ary Barroso, na interpretação de Gal Costa⁴ País tropical de Jorge Ben⁵ e Brasil de Cazuza⁶.

As músicas foram ouvidas e acompanhadas das respectivas letras. A reação dos alunos diante das músicas, sobretudo, “Brasil” de Cazuza foi de empatia, onde acompanharam cantando de maneira entusiástica. Após a audição, cada uma foi tratada de forma a identificar: autor, ano da composição, intérprete, ano em que foi gravada, bem como, o modo como cada compositor mostrava o Brasil e os brasileiros e se isto correspondia ao real (o brasileiro é assim mesmo?).

Os alunos foram instrumentalizados, também, com informações do contexto histórico em que essas músicas foram criadas (quem governava o Brasil, o que estava acontecendo aqui e lá fora).

Fazendo uso da interdisciplinaridade, foi realizado um trabalho em conjunto com a professora de Educação Artística. Os alunos identificavam os instrumentos mais audíveis no arranjo de cada canção, bem como, a incidência maior do uso de instrumentos de percussão (pandeiro, atabaques, instrumentos próprios da música negra), sobretudo, na música de Ary Barroso “Aquarela do Brasil”. Neste caso, a interpretação de 1997 não é contemporânea à sua composição.

Na primeira música, os alunos responderam que a letra faz pensar em um Brasil de natureza exuberante e um povo que gosta de samba, e muitos se manifestaram desaprovando, como por exemplo: “nem todos gosta de samba, eu por exemplo, gosto de rap e acho que o rap faz a gente pensar o Brasil”. Outra resposta, “o brasileiro também trabalha, não só samba”. Foi comentado que quem governava o Brasil em 1939 era Getúlio Vargas, ele assumiu o poder em 1930 com a revolução. Governava de maneira despótica, autoritária, não permitia críticas ao seu governo. Um aluno interferiu dizendo “então é por isso que a música só fala bem do Brasil, quem teria coragem de dizer a verdade?”

Durante a análise da música de Jorge Ben, “País tropical”, composta e gravada em 1969, também foi considerado o cenário nacional em que foi produzida e interpretada. Assim como a primeira música, esta se insere num contexto ditatorial, um governo de militares, a censura não permitindo críticas ao governo. Daí a imediata relação à canção anterior: “a música só fala das belezas do Brasil, como as praias, futebol, mulher e não fala mal do Brasil, será que o presidente, também, não queria que falasse mal do Brasil? Será que existia violência no Brasil? Por que será que o presidente não queria que falassem mal do Brasil?”

Por fim, a canção “Brasil” de Cazuza de 1988, mais conhecida e que teve impacto positivo sobre os alunos. Identificaram como um rock (perceberam o uso de guitarra e contrabaixo, elementos próprios do rock – música de protesto), destacaram a forma agressiva como Cazuza interpreta a música. Tão logo a canção foi ouvida, os alunos queriam saber: “quem era o presidente em 1988?, Também era um ditador?” Outro aluno: “se fosse um ditador, Cazuza não teria dito para o Brasil mostrar sua cara? Não é verdade?”. Os alunos levantaram algumas características do Brasil e dos brasileiros apresentados na música como: desemprego, trabalho informal (fiquei na porta estacionando os carros), corrupção, desvio de dinheiro (governo não tá nem aí com a população). E em um trecho da música “TV a cores na taba de um índio”, um aluno arriscou dizendo, “nada a ver, isto é do branco, o índio está perdendo sua cultura”. Outras considerações dos alunos: “O Cazuza mostra o Brasil como ele é”, outro aluno retruca, “mas no Brasil não tem só políticos corruptos, tem também trabalhadores honestos”. Nesse momento, realizou-se a intervenção da professora no sentido de explicar que em 1988 quem governava o Brasil era José Sarney, não era um militar-ditador, contudo, não foi escolhido pelo povo. Somente no ano de 1989 que o Brasil teve eleições presidenciais diretas. O Brasil estava experimentando a abertura política com o fim da censura, isto significava liberdade de expressão. Diante disto, os alunos concluíram: “Cazuza tinha liberdade de falar como via o Brasil”.

Os alunos tiveram que construir uma narrativa que apresentasse sua compreensão de como cada compositor percebia o Brasil, e refletia em sua obra o momento histórico vivido. Enfim, se as canções correspondiam a realidade do Brasil.

O encaminhamento do estudo da formação dos Estados Nacionais europeu, incluiu a utilização de trechos de fontes historiográficas: Linhagens do Estado Absolutista de Perry Anderson ⁷ e Mercantilismo e Transição de Francisco J.C. Falcon. ⁸ Foi lido e explorado oralmente, de modo a esclarecer palavras desconhecidas e expressões históricas, reconhecer os sujeitos históricos e as ações destes sujeitos. Em seguida, se propôs um registro escrito das reflexões dos alunos acrescidas das seguintes questões:

1. Como cada historiador explica os Estados Nacionais europeus?
2. Em que eles concordam? Em que eles discordam?

A correção se deu de forma oral, para que todos pudessem comparar suas respostas.

A conclusão da experiência consistiu na reformulação por escrito do conceito de Estado apresentado pelos alunos inicialmente, incluindo faces do Estado como sua origem e necessidade de ser/existir, atuação do Estado e a sua face ideológica observável nesta atuação.

Realizada a apresentação das conclusões dos alunos, foi observado que, para a maioria deles, o Estado existe para evitar e resolver conflitos sociais, e ao mesmo tempo, não se apresenta como árbitro entre as classes sociais, mas como um controlador dos mais fracos. No entender dos alunos, o Estado está do lado dos ricos. Alguns exemplos citados para justificar esta parcialidade foram: o benefício concedido ao juiz Lalau, as greves dos professores estaduais em anos anteriores e a greve dos bancários de 2004.

Houve alguns alunos que relacionaram os Estados Modernos europeus, em que os servos se opunham à aristocracia feudal à situação dos trabalhadores contra o governo no Brasil.

Foi observado que, o uso da música trouxe, além do seu papel de fonte histórica com visões de determinadas épocas históricas, despertou interesse e atuou como facilitador nesse processo de distanciamento temporal.

E por fim, outro aspecto a ressaltar é a relativização feitas pelos alunos em relação aos brasileiros e ao Brasil, superando os estereótipos largamente difundidos. Como na fala de um aluno: “mas no Brasil não tem só políticos corruptos, tem também trabalhadores honestos”, ou ainda, “nem todos gostam de samba, eu por exemplo gosto de rap, e acho que o rap faz a gente pensar sobre o Brasil”.

É tangível o quão pode ser produtivo quando o aluno pode ouvir o seu par e juntos chegarem à construção de um conhecimento coletivo.

Notas

1 FEBVRE, L. In.: PROST, A. **Doce lecciones sobre la história**. Paris: Frónesis, 1996, p.92.

2 AISENBERG, B. In.: ALDEROQUI, (Org.). **Didáctica de las ciencias sociales**: aportes e reflexiones. Buenos Aires: Paidós, 1994, p.138.

3 SOARES, A. **Outras conversas sobre os jeitos do Brasil**: o nacionalismo na música popular. Dissertação de mestrado na FAFICH/UFMG. Belo Horizonte, 1993.

4 BARROSO, A. **Aquarela do Brasil**. In.: Gal Costa Millennium – Músicas do século XX (CD). Rio de Janeiro: Polygram, 1998. Faixa 1.

5 BEM, J. **País tropical**. In.: Millennium – Músicas do século XX (CD). Rio de Janeiro: Polygram, 1998. Faixa 17.

6 CAZUZA, ISRAEL, G., ROMERO, N. **Brasil**. In.: A arte de Cazuza (CD). Rio de Janeiro: Universal Music, 2004. Faixa 1.

7 ANDERSON, P. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.18.

8 FALCON, F.J.C. **Mercantilismo e transição**. 7^A ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.32-36.